

Alexandra Santos

**Angola Imaginada:  
nação, guerra e utopia  
na ficção de Pepetela  
(1971-1996)**



Imprensa  
de Ciências  
Sociais

# Índice

<b>Agradecimentos</b> .....	13
<b>Prefácio</b> .....	17
José Luís Garcia	
<b>Siglas</b> .....	19
<b>Introdução</b> .....	21
Sociologia e literatura.....	25
<i>De Mayombe à Parábola do Cágado Velho</i> .....	34
Em torno da interpretação dos textos literários .....	36
<b>No princípio era a luta: o tempo da negatividade</b> .....	43
Articulando crítica e doutrinação .....	44
«Como peixe na água» — a guerrilha e o povo .....	51
Em demanda do vínculo entre povo e guerrilha.....	53
Doutrinação e respeito pelos bens do povo — esboço de uma solução para ultrapassar a indiferença popular .....	57
Cativar o apoio popular através da violência .....	60
«Um só Povo. Uma só Nação» — identidades colectivas parcelares e unidade nacional.....	65
Comunismo e nacionalismo em nota breve.....	66
Da UPNA à FNLA — reposicionando o nacionalismo bakongo.....	70
As etnias no projecto nacionalista do MPLA.....	72
A diferença étnica como entrave à nação.....	75
A nação forjada na luta .....	78
Breve apontamento sobre guerra e unidade nacional.....	80
Alcançar a unidade agudizando «as contradições que fazem avançar» .....	84
«A libertação da Pátria necessita de sangue» .....	88

Sob a dupla insígnia de Prometeu e Ogun.....	91
O herói como Prometeu — a libertação ambígua do indivíduo	92
O herói como Ogun — a libertação pela violência .....	100
<b>Prestando culto a uma ascendência guerreira: o tempo do mito.....</b>	<b>107</b>
<i>Ars memoriae</i> — nota sobre identidade nacional, memória e história	108
«As raízes profundas do nacionalismo angolano» .....	118
Em busca da ancestralidade.....	122
Uma longa marcha no tempo .....	126
O lugar dos colonos na nação angolana .....	131
Instrumentalizando a terra e as gentes.....	132
O inimigo schmittiano.....	136
A possibilidade de escolher — Acácio, Alexandre e Joel .....	138
Uma aceitação condicionada na nação .....	143
A nação em guerra.....	147
Entre as razões do preconceito e as da guerra: excluindo a FNLA e a UNITA da herança dos yaka .....	147
A legitimação simbólica do MPLA .....	154
Mitologias alternativas: uma outra origem do nacionalismo angolano .....	156
Renunciando à herança «crioula» .....	160
Nação, memória e violência.....	165
Lembrar e esquecer — violência e consolidação identitária .....	167
Elementos de um culto da violência.....	173
<b>Etnicidade e império: o tempo do sincretismo .....</b>	<b>177</b>
Um passado de traços futuristas — breve nota sobre o tempo .....	177
Introduzindo a etnicidade no projecto de construção nacional .....	184
Recuperar o conceito de pátria para a discussão sobre a nação — parêntesis breve .....	184
Harmonizando simbolicamente a pluralidade.....	190
Laços orgânicos e nação cívica.....	193
A valorização implícita.....	194
Caminhar para o futuro com os olhos postos no passado .....	197
Traços de um realismo animista.....	198
Uma tradição manipulável .....	202
Aderir ao costume para concretizar a mudança .....	207
O esgotamento do <i>ethos</i> guerreiro.....	209
Tchinguri, Ndumba ua Tembo, Mai Munene — o déficit de heroicidade dos guerreiros.....	210

O questionamento da racionalidade guerreira.....	215
Heróis para uma nação cívica .....	217
«O nascimento de um império» .....	221
Descobrir no inimigo o «mesmo» .....	221
Os irmãos patriotas .....	223
A «lição de Lueji» .....	225
Em defesa da autoridade .....	228
<b>«Fazer a história disto tudo»: o tempo do requiem</b> .....	231
Nota exploratória sobre a viragem crítica da literatura angolana ...	233
Sentidos da crítica entre os escritores da geração da «ideocracia»..	239
As regras implícitas do sistema.....	239
Os políticos como actores do <i>theatrum mundi</i> .....	242
Valorizando a fidelidade a um sonho utópico.....	246
Desencantando o olhar sobre o MPLA .....	251
A culpabilização da cedência aos interesses particulares .....	252
Ilustrando o afastamento da utopia.....	257
A associação vencedora do dinheiro e do poder .....	260
Revedo a «luta gloriosa pela independência» .....	265
A guerrilha em retracção.....	266
O ataque às fundações simbólicas do poder do MPLA .....	271
Violência sem mito — ficcionando uma guerra obscura.....	275
A guerra enquanto calamidade .....	277
A esperança na vida cívica.....	281
<b>Conclusão</b> .....	285
<b>Bibliografia</b> .....	295
Obras primárias.....	295
Bibliografia geral .....	296
<b>Índice remissivo</b> .....	317

## Prefácio

O que as ciências sociais estudam é o mundo das relações sociais, o mundo em que os sujeitos orientam os seus comportamentos em relação uns com os outros, o mundo que é gerado e gerador da acção, livre ou não, de indivíduos que dão um sentido às suas acções com base em certos valores pessoais ou colectivos e enquadrados por organizações e instituições por eles próprios criadas. Por isso, o mundo social é completamente avesso ao tipo de explicação linear, ao determinismo universal e único, obrigando ao acolhimento do contraditório, na forma das tensões e dos conflitos, não se podendo deixar de prestar atenção aos valores e objectivos que os sujeitos pretendem atingir.

Do lado da perscrutação da causalidade, o mundo social compele, portanto, à procura da pluralidade das causas, da causalidade irregular, das correspondências por afinidade, à humildade de aceitar o inexplicável devido à imprevisibilidade, ao aleatório e ao acidental. E do lado da averiguação do sentido dado pelos sujeitos à sua acção impõe-se a compreensão, compreensão esta que é o acto do pensamento que tenta deslindar as interpretações, os significados dados às actividades empreendidas.

Embora o conhecimento científico social não seja um exercício de metafísica, ele não só implica uma qualquer referência a uma perspectiva metafísica, a uma visão do mundo, como tem mesmo de sondar as perspectivas metafísicas e as visões do mundo. Para compreender, as ciências sociais têm de aventurar-se à compreensão, sabendo que não compreenderão tudo. Necessitam de assumir

uma disposição subjectiva para uma objectividade inalcançável, isto é, uma disposição que rejeita resolver problemas através de pressupostos que contentam a ideologia do investigador ou os dogmas vigentes, antes procuram soluções, «verdades», sempre provisórias, respostas que são novos problemas.

Por tudo o que se disse, compreende-se que a literatura seja um campo de observação fecundo para as ciências sociais, seja pelas suas implicações epistemológicas, seja pelos valores sociais que nela estão incorporados, seja ainda pelas visões do mundo com que a ficção impregna a sociedade. Foi este, na minha leitura, o caminho exigente que a investigação publicada no presente livro teve de percorrer. Trata-se de um esforço de conhecer no quadro do enredo entre a ficção literária e a sociedade, estando em jogo as ciências sociais e as ideologias, os acordos e os desacordos com valores e objectivos.

Em *Angola Imaginada: Nação, Guerra e Utopia na Ficção de Pepetela (1971-1996)*, deparamo-nos, então, com o cruzamento entre literatura e sociedade enquanto pressuposto. É um trabalho no âmbito das possíveis correspondências entre a trama literária e o político, indagando como o trabalho literário é infundido pelo político, e como o político é infundido pela literatura. Há, depois, o labor de captar os símbolos, as imagens, os mitos e as crenças, enquanto veículos de poderes anímicos e de eferescências, neste caso a paixão pela nação que toma forma no momento em que está a ser constituída. Pouco importa que seja do domínio da comunidade ainda apenas imaginada, sendo certo que o é sempre, porque aquilo que é imaginado nos pode precisamente dominar sem clemência.

O livro de Alexandra Santos é pois algo como uma mitoanálise, elaborada com recursos da história, das ciências sociais e da filosofia política, procurando na obra literária de Pepetela mais do que o autor queria dizer, e certamente distanciando-se do que ele disse. Porque todas as palavras que ficaram fixadas pela escrita estão sujeitas a ser lidas para além do que o seu autor pretendeu, se é que o pretendeu. E assim ocorrerá também com este livro, para isso carecendo apenas de todos os leitores que ele bem merece.

*José Luís Garcia*

*Para todas as coisas há um tempo;  
E há um tempo para todos o assunto debaixo do céu.*

*Eclesiastes*

(tradução de Frederico Lourenço)

## Capítulo 1

# Introdução

«Isto do nacionalismo não está um bocado ultrapassado? Porque não estuda a globalização?» — perguntava-me a entrevistadora com um ar sério e até, talvez, um pouco preocupado. Estávamos no ano de 2005, nas instalações do Instituto de Ciências Sociais em Lisboa, e eu encontrava-me na incómoda posição de convencer um painel de investigadores seniores, de áreas que iam da antropologia à ciência política, da pertinência da minha proposta de investigação. Concordei que sim, que talvez fosse um atavismo, mas parecia-me que as narrativas nacionalistas não só não tinham desaparecido, como até pareciam prosperar neste novo mundo hiper-conectado, apesar de já quase não haver fronteiras para as modas, empresas e instituições supra e transnacionais, nem para as crises, fossem elas financeiras ou humanas. Devo ter sido convincente, porque me aceitaram como doutoranda, dando-me a oportunidade de contribuir para a melhor compreensão desse paradoxo dos nossos dias que é o nacionalismo.

Infelizmente, creio que hoje a pergunta sobre a pertinência do meu tema não se teria colocado. No refluxo do colapso do sistema financeiro internacional, movimentos que se reclamam nacionalistas, muitos deles de cariz agressivamente xenófobo, têm vindo a ganhar visibilidade e adeptos em todos os continentes, ao ponto de abalar as fundações democráticas de alguns Estados, demonstrando quer a vocação internacionalista, quer a capacidade simbiótica desta ideologia que se tem mostrado compatível com as mais inclusivas formas de democracia, mas também com os regimes mais fechados e autoritários.

Associado a termos como «populismo» e «pós-verdade», ou escorado em demonstrações de prepotência militar, o nacionalismo aparece a alguns como uma fénix renascida das cinzas das guerras do século passado. Mas, ao contrário do mitológico pássaro, ele não chegou a morrer, apenas assumiu uma forma diferente, como aliás tem feito desde que se tornou numa das mais influentes e transformadoras crenças políticas da modernidade.

Este trabalho não trata o nacionalismo *per se*, antes se debruça sobre uma das formas que tomou esta ideologia na segunda metade do século xx, quando se cruzou com correntes ideológicas conotadas com o socialismo, num país africano, Angola, onde o «ar dos tempos» soprava a favor daqueles que se opunham ao imperialismo e ao colonialismo das potências europeias. Mais especificamente ainda, o estudo que aqui se apresenta procura captar as variantes, cambiantes e reverberações do conceito de nacionalismo na obra literária de um autor, Pepetela, que não apenas tem vindo a reflectir longamente sobre a essência de uma identidade angolana, como é um dos mais prolíficos e efectivos criadores dos mitos e epopeias que, no plano simbólico, sustentam essa identidade.

A obra ficcional de Pepetela, pseudónimo de Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, sobressai de entre o *corpus* da literatura angolana, seja pela abundância de títulos, seja pelo importante acolhimento que tem recebido da crítica, patente na atribuição de vários prémios e distinções honoríficas.<sup>1</sup> O interesse que aqui se manifesta por Pepetela não decorre, porém, nem da qualidade artística da sua obra literária,

---

<sup>1</sup> Os primeiros romances de Pepetela, publicados em Angola pela União dos Escritores Angolanos (UEA), tiveram amplas tiragens e múltiplas reedições, dando ao escritor os primeiros prémios nacionais. A esta popularidade interna cedo se juntou o reconhecimento internacional, patente nas traduções para alemão, russo, inglês, servo-croata, búlgaro, sueco, espanhol, basco, catalão, ucraniano, italiano, francês, finlandês, holandês, grego, dinamarquês, norueguês, polaco e japonês. Entre os prémios nacionais e internacionais que recebeu destaca-se o Prémio Camões, em 1997; o Prémio Especial da Associação Paulista dos Críticos de Arte (Brasil), recebido em 1993 por *A Geração da Utopia*; o Prémio Nacional de Literatura (Angola) em 1980 e em 1984; o Prémio Prinz Claus (Holanda), recebido em 1999; o Prémio Nacional de Cultura e Artes, ganho em 2002; e o Prémio Escritor Galego Universal de 2007 da Associação dos Escritores de Língua Galega. Somam-se a esta lista várias distinções em Angola, Portugal e Brasil: Doutor *honoris causa* pela Universidade do Algarve (Portugal) em 2010; Ordem do Rio Branco da República do Brasil em 2003 e Ordem do Mérito Cultural com o grau de Comendador em 2006 (Brasil); medalha de Mérito Cívico da República de Angola em 2005, entre outras.

nem do seu reconhecimento pela academia,<sup>2</sup> antes do que se identifica como a sua qualidade sociológica, manifestada numa abordagem assídua aos temas da guerra, da identidade nacional e da utopia.

Podendo ser vistos como imbuídos de reflexão sobre temas sociologicamente relevantes, certos romances de Pepetela apresentam-se ainda como epopeias fundacionais, o que acresce à sua importância. Neste sentido, o trabalho de Pepetela posiciona-se na esteira de uma literatura angolana que, ainda antes da independência, a enuncia e anuncia. É que se a produção literária teve um papel essencial na justificação, divulgação e afirmação do ideário imperialista<sup>3</sup> — na sua «narrativização», como sintetiza Daniel Carey (2018) —, ela foi também essencial no esforço para questionar esse império e gerar «a estrutura cultural de movimentos políticos que levaram à criação e consolidação do Estado-nação» (Chabal 1994a, 14).<sup>4</sup> Desde o início que a produção literária foi considerada da maior importância pelos intelectuais ligados aos movimentos independentistas. A dureza da discussão, em inícios da década de 1960, quanto às obras

---

<sup>2</sup> Entre os mais importantes investigadores da obra de Pepetela, contam-se José Carlos Venâncio (1992; 2008), Ana Mafalda Leite (1995; 1996; 2002), Pires Laranjeira (1995; 2001), Inocência Mata (1999; 2001; 2002; 2007; 2012), Rita Chaves (2002; 2004; 2005), António Hildebrando (2002; 2006), Benjamim Abdala Junior (2002), Carmen Lúcia Tindó Secco (2002, 2003, 2010, 2017) e Frank Marçon (2005; 2010). Esta lista está muito longe de ser exaustiva, apenas contemplando investigadores que, por sua vez, têm orientado inúmeras teses de mestrado e doutoramento sobre a obra do autor angolano.

<sup>3</sup> Uma obra já considerada clássica, apesar de muito contestada, a respeito deste tema, é *Culture and Imperialism* (1993), onde Edward Said desvela o imperialismo implícito em obras canónicas da cultura ocidental. Num registo menos *engagé*, salientam-se os trabalhos do historiador John MacKenzie (1986 e 1995). Para uma revisão recente, veja-se Carey (2018).

<sup>4</sup> Os investigadores que se dedicam ao estudo das literaturas africanas em língua portuguesa são unânimes em reconhecer a importância destas para a consciencialização das identidades nacionais. A título de exemplo, Alfredo Margarido defende que a emergência de uma consciência nacional está «estritamente ligada à literatura» (1988, 58) e José Carlos Venâncio descreve a dificuldade em destrinçar a evolução da literatura «da reivindicação de um estatuto nacional por parte dos produtores textuais» (1992, 61). No mesmo sentido, Pires Laranjeira considera que o percurso de desenvolvimento das literaturas africanas de língua portuguesa passa, desde a primeira obra publicada em 1849, pela construção do ideal nacional no discurso (2001, 37), referindo que «antes da independência nacional, a autonomia literária é irreversível, não só porque a anuncia, mas também porque ajuda a constituí-la» (2001, 55).